



## **GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção**

### **Coordenador(es):**

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

### **Sessão 1**

**Debatedor/a:** Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

### **Sessão 2**

**Debatedor/a:** Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

### **Misturados e mestiços na TI São Jerônimo: elementos para pensar uma ontografia marcada pelo projeto assimilacionista**

**Autoria:** Roberta de Queiroz Hesse (Usp)

A atual Terra Indígena São Jerônimo, habitada por famílias kaingang, guarani e xetá, é um resquício de um antigo um aldeamento do período imperial do Brasil. Esses equipamentos foram fruto de um projeto assimilacionista que orientou a política indigenista brasileira durante o século XIX e quase todo o século XX. A assimilação era um projeto que, baseado em um paradigma que dominou parte significativa da produção antropológica - e de outras ciências também - até meados do século XX, servia para justificar o esbulho do território indígena e a tentativa de transformação dos indígenas em trabalhadores cristãos. Não obstante o exaustivo empreendimento etnocida do Estado, os coletivos indígenas do Brasil encontraram - e continuam encontrando - modos de produzir relações e se atualizar para enfrentar os fins de mundo que lhes foram impostos. Hoje São Jerônimo revela uma ontografia formada tanto por faces das contradições produzidas pelas políticas públicas quanto e, sobretudo, pela súpil profundidade e inventividade de certas formulações indígenas. Esses processos ocorreram em muitos contextos etnográficos e é importante buscar uma abordagem que não isole os casos nem generalize as inúmeras particularidades de cada contexto. Assim, o presente work pretende apresentar e discutir dois elemento da ontografia de São Jerônimo: a mistura e a mestiçagem. Em um primeiro momento a mistura aparece como uma categoria nativa que diz respeito às



peças que são filhas de uniões entre povos indígenas, kaingang, guarani, xetá. Os filhos de uniões interétnicas - indígenas e não-indígenas - parecem não estar contemplados nessa categoria sendo relegados à uma segunda categoria: mestiços. Entretanto, como em muitos mundos vividos ameríndios, essas categorias não são estáveis e estanques. Se a mistura é uma categoria totalmente criada pelos indígenas, o mestiço foi uma categoria utilizada pelo órgão indigenista e pelo posto de saúde, que foi apropriada e ressignificada pelos indígenas de São Jerônimo para desqualificar determinados sujeitos. Para os representantes do Estado o mestiço servia como categoria genérica para classificar tanto filhos de uniões entre diferentes povos indígenas (kaingang, guarani, xetá) quanto entre indígenas e não-indígenas. Já para os indígenas ela está mais vinculada à crítica à um comportamento quase asocial de certos sujeitos do que à questão da consanguinidade. A mistura, por sua vez, se apresenta como um modo de produção de pessoas indígenas, formadas pelo ensino, pelo cuidado, pela comensalidade. O mestiço é aquele que se comporta de uma maneira como se não carregasse esses laços de ensino, cuidado e comensalidade.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: